

O TEMPO E EU

Para Conceição

Tolerância precisa de limites
porque a indecência ultrapassa os limites da
Tolerância.

O que você faria se pudesse voltar no tempo e encontrar com todos as pessoas importantes da sua vida? Catarina Aguiar terá essa chance. Será que ela poderá resolver as coisas que deram errado na sua vida ou será que vai prejudicar o seu futuro? Venha embarcar nessa aventura do tempo e descobrir se o passado é realmente importante assim.

capítulo 1

Para algumas pessoas o mar é um fonte de consolo. Ao menos para Catarina que em pleno intervalo do almoço está no parapeito da ponta do Humaitá derramando lágrimas de desgosto. A pobre criatura abriu o Instagram no perfil do seu ex rolo e viu o canalha como ela o chama postando uma foto com uma loira de cachos bem definidos e uma aliança a qual ela chamou de bambolê nos dedos. Ela chora tão desolada que não percebeu que um homem branco de um metro e oitenta, com óculos escuros e uma careca saliente, esta mais, agitado que as ondas do mar O homem é Michael Smith, um norte-americano, professor de Física quântica em Stanford nos EUA. Michael possui um dispositivo de aparelho celular com uma IA poderosa. Um dispositivo ao qual criou, porém, descoberto por interesseiros perigosos. Ao perceber que não conseguira escapar por muito tempo, Michael resolve impensadamente pedir ajuda a desastrosa Catarina.

Esquecendo que no Brasil o idioma é português Michael diz —Please miss, help me. O que assusta Catarina pela maneira um tanto afobada de Michael. Com seu rosto de rímel derretido, Catarina dá um passo para trás. —O que quer moço? — ajuda... ele retira o celular e dá a Catarina que devolve no gesto de recusa sem entender a ação de Michael que olha assustado ao redor. —My...meu nome is Micahel. Ajude por favor. Nome... seu nome —Catarina, Mais o que você quer? —Catarina, sim. Encontrar aqui depois...Micahel dá o dispositivo a Catarina e sai em meio a multidão de adolescentes, crianças e senhoras, Catarina olha para o dispositivo e sai atrás de Michael, porem não o encontra.

Capítulo 2.

Em casa Catarina faz chamada de video para sua melhor amiga Érica, mais não menciona a foto que viu no Instagram de seu ex. Em meio aos vários assuntos que ambas comentam ela lembra do ocorrido e conta a sua amiga, que logo pergunta sobre a aparência do homem. Quando Catarina diz, ela nem cogita empurrar o desconhecido a amiga já que as características do tal indivíduo não é do gosto da sua amiga. Catarina é uma mulher de 30 anos, negra com seus 1,68, a típica altura da mulher brasileira. Depois do seu banho relaxante, Catarina tenta ler mais uma vez, " a garota do lago". Mais sua mente está perturbada. Então decidi assistir a um filme e para desgrçar mais ainda o seu dia ela começa a assistir " o diário de Bridget jones". Aos 35 minutos de filme ela lembra do celular que o doido varrido lhe deu. Sentada na sua cama vestida com seu short dool ela segura o celular de frente para seu rosto.

Toca a tela e nada acontece, joga o celular na cama e fica imaginado porque o careca americano deu o celular dele para ela. De repente ela ouve um bip como o seu samsung galaxy s23 ultra que ela esta pagando em 12 salgadas parcelas faz quando recebe mensagens O dispositivo na cama ascendeu e uma voz eletronica diz em inglês: Enter the year and I'll take you on a trip. - Mais que merda é essa? A IA existente no aparelho indentifica o idioma e traduz para Catarina. - informe o ano e te levarei a uma viagem. — Que loucura é essa... sem entender nada, Catarina nem cogita falar o que o dispositivo pede. Deita ao lado do celular e fica imaginado que tipo de celular é esse e de repente ela lembra da foto e de como as coisas eram quase dois anos atrás com José. Ela pega o celular, toca novamente na tela e o dispositivo diz: informe o ano e te levarei a uma viagem. — 2021

...

Capitulo 3

Catarina sentiu uma vertigem e quando abriu os olhos estava em frente ao seu notebook na varanda da casa de seus pais em São Tomé de Paripe, vestida com seu babydool e segurando o dispositivo que lhe enviou para 2021 - Mas que merda é essa? - Catarina? - seu pai a chama, fazendo com que ela se assuste — Pai, ta fazendo o que aqui? - Te chamando para tomar café... Já acorda e vai para o vício da internet. Não entendo essas crianças de hoje... Seu pai vai para cozinha reclamando da situação. — Isso é um dejavú. Só pode. Eu lembro disso! Catarina corre para seu quarto e pega no flagra sua irmã saindo do quarto com um botinho cheio de creme que ela pegou na penteadeira. — Eu estava sem creme, aí peguei um pouq... - Saí da frente Maria! - Diz Catarina sem se importar com o furto de quase todos os dias . Maria por sua vez dá de ombros e sai vitoriosa. Catarina se arruma as pressas. No banheiro a Catarina de 2021 toma seu banho. Saindo sem ser vista ela vai até o píer do Humaitá, tentando

encontrar o homem misterioso quando dispositivo toca -Diga o ano e... sem aguardar a AI terminar a frase ela diz 2023 e ela retornar para 2023.

Percebendo que tem em mão algo que pode lhe beneficiar, Catarina corre para sua melhor amiga para contar a coisa extraordinária... — Como assim Kiki? Tá de zoeira não é? Você sonhou porque teve contato com aquele doido. — Tá bom. Se você pudesse voltar ao passado para que ano gostaria de ir? Com um sorriso malicioso no rosto, Erica disse que gostaria de ir para o ano em conheceu Marconi — Granrr, por favor amiga para que quer desenterrar esse passado? — Foi você quem disse que eu podia escolher, agora reclama. — Tudo bem! Se levantando da cama, Catarina conclui — Vai, veste a roupa que você gostaria que ele veja você vestida. Vai por mim, a roupa é importante para a viagem. Revirando os olhos, Erica faz o que a amiga diz e escolhe jeans e blusa branca com babadinhos.

O Ano ,de 2013

Foi um ano marcado por mudanças em Salvador, greves, manifestações e incêndios. Outros temas como segurança pública, crateras e tragédias no trânsito também foram destaque neste ano 20 de junho, dia de jogo da Copa das Confederações na capital baiana, os manifestantes se concentraram no Campo Grande e seguiram em direção à Arena Fonte Nova, por dois caminhos diferentes. Famosos participaram da manifestação. Repórteres das redes de TVs relataram momentos de terror na manifestação, a qual foi marcada por confrontos entre policiais e manifestantes, além de atos de vandalismo, como ônibus incendiados e pontos de ônibus destruídos. De cabeça baixa, vomitando e com vertigem, Erica sente a sensação estranha da viagem no tempo. Ela olha ao redor sem perceber o perigo do vandalismo que alguns fizeram nas manifestações que estava ocorrendo em todo o país. — Erica! Berra Catarina, tentando fazer sua amiga ouvi-la em meio a multidão que ficava gritando 'O Gigante Acordou'.

— Tira a gente daqui Catarina. - Grita Erica apavorada. Elas saem da confusão e consegue chegar a taxista que fica o tempo todo falando sobre o povo ir às ruas mudar o país, mas não consegue tirar os olhos do decote de Erica que vestiu a roupa pensando em Marconi. Elas chegam na suburbana e vão ao restaurante "pirão do Renato" Ambas pedem um bobó de camarão e, ao mesmo tempo que comem, conversam entre tons baixo e surpresos com a ideia de que realmente viajaram no tempo. Marconi aparece e fica um tanto confuso com a aparência mais velha das garotas e pergunta o que aconteceu. Ambas se olham — já vamos lhe explicar. Vem comigo Erica no banheiro? Entendendo a situação Erica vai e elas ficam num cantinho discutindo o que fazer para explicar quando aparece uma mulher que Erica nunca a viu na vida mais que Marconi conhece muito bem já que ela o beijou na boca. Decepcionada mais uma vez por saber que não foi com uma, mas até então duas mulheres que Marconi a enganou.

Ele claro ao ser beijado tenta disfarçar sem saber que já era tarde, pois Erica presenciou tudo.

— Me tira daqui amiga... espera um pouco. — Ela se dirige ao atendente do balcão e diz: meu namorado vai pagar a conta, pode levar a maquininha a mesa, por favor. Ela vai até Catarina e sorrindo em cumplicidade dizem: quero ir para 2023. ***** capitulo 4. ***** Após terem ido dez anos atrás e caído bem no meio de uma confusão que foi o ano de 2013, Érica não quer saber de viagem no tempo. Ela considera muito perigosa a aventura e alertou Catarina sobre a influência no futuro se ela insistir em mexer no passado. Catarina, por sua vez, passa a semana pensando em coisas que gostaria de viver e consertar. A semana certamente não foi normal para ela, que cogita pedir para o aparelho lhe levar para outra época. No trabalho, Catarina Se estressa com um cliente que a insulta do outro lado da linha, chamando-a de burra, cinco minutos depois sua supervisora a chama para um feed back.

— Você sabe Catarina que é uma das minhas melhores operadoras, mais não posso passar pano para você sempre que estourar com os clientes. Eu sei que os clientes abusam da nossa paciência, mais dessa vez foi você que o provocou. O que aconteceu? — Ha Milena, estou passando por alguns problemas particulares e admito que deixei isso interferir no meu trabalho. —Você vai tirar ferias amanhã deveria esta mais relaxada não acha? Dessa vez fingirei que não vi. Em troca preciso que fique mais trinta minutos, o fluxo está alto e Patricia esta de atestado. Catarina saiu da mesa da sua supervisora sem contestar, resmungar ou inventar algo para não fazer horas extras, o que deixou Milena um tanto curiosa já que ambas trabalham juntas a mais de cinco anos. Na volta para a casa Catarina pega o ônibus e logo como de costume senta no fundo do ônibus e coloca seus fones com uma sequência musical que pode fazê-la dançar, chorar, rir... é uma mistura de Deddy yankee,U2,Pitty, Marron 5, Jorge Vercilo, Anavitória, Coldplay...

Mau chegou em plataforma e o ônibus lotado de trabalhadores, baleiros e alunos da CPM. Catarina começa a lembrar que falta alguns meses até estreiar a terceira temporada de Bridgerton e então lhe vem a mente ir para o século XIX. Mais daí ela lembra que se for parar lá não passara de uma escrava, mas uma forte curiosidade percorre seu corpo— e se eu der só uma passadinha lá? Sei-lá, tipo dar umas instruções de como meus antepassados podem se livrar da escravidão? Catarina chega em casa mais não tira a ideia da sua cabeça, então liga para Érica e diz para ela aguardar na frente da casa. Era por volta das vinte horas quando Catarina desce de um Fiat Palio com uma máquina de costura doméstica da Elgin e o motorista tira da porta malas duas sacolas. Érica, pensa: será que foi expulsa do apartamento por ser chata? E rir sozinha. — Esta rindo do quê? — Não é nada. E você, foi despejada por acaso? — Vem, vou te contar o que vamos fazer....

— Há não kiki! Você ficou louca? Olha para você. Sua cor pode ser de cacau show mais você é negra, preta, cabelo não tão crespo devido à ascendência indígena, mas amiga! Fala Érica sentando -se ao lado da amiga no sofá —você quer ir bem para época em que nossos tataravós eram escravos. —Amiga, eu só vou dar uma passadinha lá para ver de perto as coisas como eram. Além disso, posso até virar uma Chica da Silva e no mínimo escrava da casa, olha essa beleza do ébano aqui! — fala Catarina olhando para o espelho a sua frente. A mãe de Érica aparece de repente com bolo e suco para as meninas. —O que vocês estão falando? Oferece o bolo a Catarina que não recusa nenhuma comida na casa da amiga. — Vou participar de uma peça no trabalho e preciso de uma roupa caracterizando o século 19. E Érica vai me ajudar — Isso mesmo mainha! Vamos ter muito trabalho, então não se preocupa caso não desçamos para jantar porque pelo visto vamos ter muito trabalho já que ela trouxe toda industria têxtil da Bahia para cá.

Depois de todos os questionamentos, Érica decidiu ajudar a amiga e elas começam o trabalho de costurar a roupa. Com um pouco de conhecimento de costura passado por suas avós, as meninas fazem um vestido mais parecido com uma roupa feminina do início do século 20 do que o ano de 1800. Elas viram a noite entre costurar e tomar cerveja. A mãe de Érica sabia que a bebida era algo indispensável para as garotas quando se reúnem, levando comida para elas até às 22 horas. Meia-noite o pai e a mãe de Érica não escutam mais gargalhadas, nem barulho de máquinas, então sabe que as meninas capotaram. Pela manhã, Catarina acorda no sofá deixando uma marca de baba em uma almofada e sai pisando em latinhas de cerveja e retalhos. Érica acorda em seguida. —preciso de um café, bem forte. - precisamos. Mais tarde, em sua casa, Catarina veste a roupa com a ajuda de Érica. O vestido era branco com flores vermelhas e manga bufante, havia por cima um espartilho que Catarina já tinha comprado para usar em uma festa de chá de bebê dos conhecidos de José.

O cabelo, ela fez uma trança embutida de um lado só da cabeça e colocou um chapéu de praia com um laço. - Então, como estou? - amiga, você com certeza vai ser Chica da Silva. Elas riem e Érica tira da sua bolsa um canivete e dá a Catarina.



— Ta louca?! Não vou para lá matar ninguém. - Eu sei disso. Mas você precisa se proteger de alguma forma. Talvez até de algum animal. - Não tinha pensado nisso... bom! Já estou pronta.

*****capítulo 5.*****

— Mas que droga! Por que cai aqui logo a noite? E que lugar de Salvador eu estou? Se é que estou em salvador! Catarina está em 1864 no Brasil imperial na cidade de São Salvador, aonde parte de seus ancestrais eram escravizados. Nesse período havia grandes movimentos abolicionistas... Somente a lua e as estrelas iluminava a noite, o que causou medo em Catarina. Ela afasta com os pés qualquer coisa que ela não enxerga em meio a escuridão e se recosta na primeira árvore que encontrou. Fica tentada a solicitar o ano de 2023, mas decidi ultrapassar o medo da noite, guarda o aparelho em um bolso feito em uma das saias por debaixo de todas as outras... as horas vão passando e ela acaba caindo no sono.

Catarina abre os olhos e logo se depara com a luz do sol no seu rosto, ela se espreguiça, como sua visão periférica está interrompida pelo tempo em que ficou com os olhos fechados ela só consegue enxergar o homem de aspecto desprezível quando olha para sua esquerda. Ela se assusta e de imediato pergunta: quem é você? O homem corta a manga com uma faca e ao invés de responder faz um grunhido. Catarina se levanta levemente tentando não deixar o homem perceber que ela vai correr, mas o capitão do mato era especialista em negros fujões e imediatamente aponta seu rifle para Catarina que devido a tantos assaltos na moderna Salvador aprendeu a não resistir com arma direcionada a ela. Catarina é levada para um Casarão que ficava no bairro de plataforma que até então não existia como um bairro, porém casarões já estavam construídos. Ele a leva para o fundo da casa e a amarra em um pelourinho e vai dizer ao patrão que achou uma negra. Ele informa que a ela tem aparência peculiar. Então o dono de escravos manda trazê-la...

Era cedo, por volta das sete da manhã. Em sua cadeira de balanço um homem aparentando ter uns 60 anos fuma um cachimbo e ao lado uma garrafa e copo com vinho. Trata-se do senhor de escravos da região conhecida futuramente em 1939 como Periperi, bairro criado para residências de funcionários da então Viação Férrea Federal Leste Brasileiro. Em meados do século XIX Periperi era uma fazenda. Até 2003 era possível ver do alto de um bairro mais novo, Mirante de Periperi, a beleza que era a fazenda que ainda era existente, mas atualmente é uma estação de energia da empresa fornecedora. Seu nome é de origem indígena e está associado à multiplicação da planta junco em planície alagada. A grafia indígena piri-piri, que significa capim-capim ou capinzal. Durante o século XVI, o bairro foi ocupado por engenhos de açúcar, que era o grande potencial econômico da época. Em 1864 a região já estava bem transformada, pois bem antes, em 1860, era inaugurada a linha férrea que de Salvador até Alagoinhas. Sem muito alarde Catarina deixou-se ser levada, afinal ser tirada do pelourinho foi um alívio.

— Aqui está meu senhor. O senhor de escravo de nome Cristóvão levantou de sua cadeira forrada com um tecido bem bordado e avaliou Catarina, que o olhava com certo desdém. — Por que me olha assim escrava? — Abaixei a cabeça para patrão, escrava. - falou o capitão do mato dando um tapa por detrás da cabeça de Catarina, que revidou com olhar furioso e dizendo: cuidado para não amanhecer respirando por um tubo. - o capitão e o patrão não entenderam e antes que levasse outro tapa o patrão riu... — Ha, ha, ha , você é bem atrevida para uma escrava. Parece que essa vai te dar trabalho orelha de burro - era o apelido do capitão do mato que tinha orelhas salientes. Ele lançou então um sorrisinho malicioso para Catarina. — Você tem todos os dentes, sem manchas na pele, cabelos bem cuidados! E que tipo de pêlos são esses? Enquanto avaliava Catarina, Cristóvão notou que ela era bem mais cuidada que muitas escravas de casa e tinha pêlos no corpo pintado de loiro, o que deixou o senhor de escravos intrigado. — Tonha?

— chama o senhor de escravos a escrava da casa.-
leve essa negra com você, ela será escrava da casa.
Trate de verificar a limpeza dela, porque Calebe
chegará em alguns dias e ela servirá para alegrar
meu filho. - Apesar de achar Catarina uma mulher
muito bonita, ele não quis a escrava para si, mas para
seu filho... Mesmo assustada, Catarina estava curiosa
sobre aquele mundo e sobre como o povo negro vivia e
ela queria de alguma forma mudar todo sofrimento
que a gente negra passou como escravo. — Olá, me
chamo Catarina. A senhora é Tonha não é? — Olha
aqui mocamba ocê vai agora comigo se banhar no rio,
depois me ajudar na cozinha. Catarina deixa escapar
uma gargalhada. - A senhora fala engraçado. — Tá
rindo, deu sua filha de rapariga. — HA, não, agora a
senhora está ofendendo minha mãe? Eu só achei
engraçado como a senhora fala. Aliás, o que é
mocamba? — Anda minina, não temos o dia todo.
No rio, Catarina demorou a se sentir a vontade para se
banhar e não queria que as coisas que trouxe por
debaixo de todas as saias fosse descoberta.

— Você não vai usar isso. — A escrava Tonha pega o espartilho de Catarina. - Se a sinházinha vê ocê vestida assim te coloca no troco. — Isso foi um presente, me pertence. — Tó falando para o seu bem mocamba! — Ok, eu não uso, mas vou esconder para pegar depois que for embora. — Embora? Para onde minina? ocê agora é escrava de sinhô Cristóvão. — Tonha, eu não sou escrava e nem sou daqui. Só vim conhecer e saber como era essa época. Mas não tó gostando não. Ta sendo difícil ficar com a boca calada e não poder dizer a esse tal de Cristóvão e aquele pau-mandado dele umas verdades como: vou meter um processo em você, seu corno velho! — Ha ha ha eu sempre quis chamar o sinhô patrão assim... Você é muito engraçada minina. Naquele momento ambas sentiram uma ligação no íntimo que não sabiam explicar.

Os dias foram passando e Catarina fazia diversas tarefas e muitas delas cansativas. Ela queria ir à cidade, mais isso só aconteceria se a Senhora da casa a ordenasse. Nesses tempos Catarina sentia também o medo de dormir na "Senzala", pois outros negros além do capitão do mato não só tentou nada além de olhares e insinuações porque o patrão avisou que ela seria escrava exclusiva do filho. Catarina estava decidida a usar o celular para retornar quando não aguentasse mais... mas queria conhecer o centro de Salvador de 1864, por isso resolveu aguentar o trabalho duro. Catarina havia se apegado a Tonha e não queria deixá-la lá. Mas como levar uma escrava da época colonial para o mundo de 2023. — Tonha? — Que foi Minina? — Já quis viver em um lugar onde não existe escravidão e a senhora possa comprar, vender, viajar como qualquer outra pessoa? — Não existe lugar assim para nego. — E se eu disser que existe e que vim de lá.

— Eu digo que bateu a cabeça bem forte. Eu nasci escrava Catarina! Não sei como viver sendo alforriada. Sobre a luz do luar e de algumas tochas fora da senzala, Catarina viu o olhar de Tonha totalmente sem esperança, e felicidade Catarina de sua rede segurou a mão de Tonha que segurava a rede desgastada a qual dormia muitos anos nela. Tonha era uma mulher de 50 e poucos anos, não se sabe bem, não era comum os escravos saberem suas idades. Ela nasceu naquela fazenda o qual seus pais já falecidos também eram, escravos seus filhos foram vendidos e espalhados pelas fazendas vizinhas, excerto Antonio ou Antoi como todos o chamava. Era o Casula. Ele trabalha na lavoura de cana-de-açúcar, pertencente a Cristóvão Barreto. Mais meses atrás fugiu para um quilombo. Para ser chicoteado. Logo uma escrava chegou a cozinha para informar a Tonha que saiu em disparada... Da cozinha do Casarão se ouvia um barulho de escravos. Antonio foi capturado e levado para ser chicoteado.

Logo uma escrava chegou a cozinha para informar a Tonha que saiu em disparada... — Sinhô misericórdia! Deixe que eu seja chicoteada no lugar dele.— Sinhô, misericórdia! Deixe que eu seja chicoteada no lugar dele.— O garoto certamente não resistiria as chicotadas, já que estava bem magro e debilitado com o sofrimento que já estava passando desde a fuga. Com o pé, Cristóvão empurra Tonha. Catarina se apressa a pega-lá. E sem muita demora o capitão do mato começa a infligir chicotadas nas costas nuas do garoto franzino. A cada chicotada Catarina via flash da sua família e amigos. Lágrimas sofridas e amargas escorriam pelo rosto das duas mulheres. Todos os outros escravos sofriam em silêncio, apenas Tonha expressava gritos de dor por ver seu filho casula, quase já sem vida, ficar em pura carne viva. Catarina larga Tonha e corre aos pés de Cristóvão e súplica. — Pelo amor de Deus, senhor, pare. Não vê que vai matá-lo?

Naquele momento Catarina deseja sair daquele lugar, mas seus olhos desviam para Tonha que está desesperada jogada no chão e ela então ela grita o mais forte que pode. — Pare seus miseráveis! — Todos ficam atônitos e com toda a fúria que lhe vem, Cristóvão lança uma mão pesada no rosto de Catarina. — Meu pai! — Com uma voz estridente, Calebe chama o pai num tom de censura. Sem reparar no tom de voz do seu filho, Cristóvão expressa alegria de ver seu filho — Calebe, meu filho! Estávamos aguardando você chegar, tivemos esse pequeno imprevisto. Calebe olha para Catarina jogada ao chão chorando. Ele passa pelo pai que ainda falava e levanta Catarina do chão. — Você esta bem moça? Catarina olha para os lindos olhos verdes de Calebe e fica espantada assim como todos ao redor, incluído Cristóvão, que logo dá ordens de recolherem Antonio para senzala. — Negra, saia das minhas vistas. — Catarina lança um olhar de ódio contra Cristóvão. Calebe vira-se para seu pai e pergunta o que esta havendo.

Calebe é um homem de 30 anos formado em advocacia e que viveu fora por um tempo. Ele é abolicionista, o que não deixou seu pai espantado, embora seu pai não saiba que ele tem levado mais a sério a causa a favor dos escravos. — O moleque da Tonha fugiu meses atrás e foi capturado. Estava dando uma lição nele. — Meu pai, precisamos conversar sobre isso. — Chega Calebe! Vamos ver sua mãe, sua irmã.

***** *Capítulo

6.*****

— Catarina vá por favor a senzala e cuide de Antonio por mim. — pede Tonha, pois não pode deixar os afazeres na cozinha do casarão. Catarina cuida de Antonio com a ajuda de outro escravo. Ela fica temerosa de passar mais um dia naquele lugar e fica mentalmente planejando levar Tonha e seu filho para sua época

No casarão Cristóvão se reúne com Calebe, sua esposa e filha. A irmã de Calebe é uma jovem antipática com grandes olhos verdes e cabelos negros. Os escravos a chama de lagartixa branca. Um apelido claro que não é sabido por todos. Sua mãe, uma jovem senhora que não concorda com o marido sobre os maus tratos aos escravos, mas que também não tem coragem de se opor ao velho cruel. — Conte-nos meu filho como foi sua estadia na Europa? — Calebe resolve não transparecer para sua mãe a indignação da cena que acabou de presenciar minutos atrás e começa a falar sobre a Europa. Sua irmã com seu jeito eufórico pergunta sobre as tendências da moda na Europa. — Calma Gabriela, você terá sua viagem para a Europa um dia. — promete papai. — fala a moça com voz mimada para o pai. — prometo meu anjo. — bem, vou banhar-me. Amanhã visitarei Castro. Soube que ele faz estadia aqui em Salvador. Quero parabenizá-lo por ter se formado e principalmente dar meus pêsames pelo falecimento de seu irmão.

— Você perde tempo com aquele casanova. — Todos que lutam pela causa dos escravos são indignos para o Senhor, meu pai? — Chega Calebe. Vejo que sua vida na Europa não tirou seu pensamento medíocre de salvar os negros — Meu pai! — Chega, já disse. — Acredito que terei que me hospedar na casa de Castro, afinal devo ser um casanova também. — Meu filho! — fala sua mãe enquanto Calebe sobe as escadas chateado. No dia seguinte, após seu desjejum, Calebe vai até a cozinha e como desde menino entra de fininho para assustar Tonha. — buh! — Mininu ! ocê um dia vai matar a veia Tonha. Calebe abraça-a bem forte. Tonha cuidara de Calebe desde que nasceu. Ele a tem como uma mãe.

— Desculpe pelo que aconteceu ao Antonio. — Ocê não tem culpa, meu filho. Antoi não podia ter fugido. — Meu desejo é que você e todos os outros sejam livres. Estou lutando para isso minha velha...

Enquanto falava, Catarina entrou afobada. — Tonha, esta, decidido... — Minina! oia os modos, O patrãozinho está aqui! Calebe olha admirado para Catarina. Sua aparência e expressão atrevida é peculiar. — Olá, senhorita! — fala Calebe tirando o Chapéu e encostando ao seu peito. — Oi! — Diz Catarina fazendo uma cara de desgosto para Calebe. Ele por sua vez sorri com o cumprimento um tanto desdenhoso de Catarina. — Como se chama minha jovem? — Sua não. Mas me chamo Catarina. — Sou Calebe. — Sim, sim. Sei. É o filho do miser...do senhor Cristóvão. — Bom! Espero que hoje tenha um vatapá quando eu voltar da visita a Castro. Estou com saudades de sua comida minha velha! — Fala Calebe dirigindo-se a Tonha que responde com grande sorriso. Vendo que Calebe gosta muito de Tonha e vice-versa, ela se desarma. Calebe sente seu coração bater rápido quando Catarina o olha direto nos olhos e sai um pouco tímido.

— Ele parece ser gente boa. — É o melhor dessa família. — virando para Catarina, Tonha diz baixinho sobre as causas abolicionistas em que Calebe participa. — Ele vai visitar o minino Castro e sei que vão falar dos negos. — E quem é Castro? — O fio de seu Antoi e Dona Clélia. Também é um minino bozinho. Fiquei sabendo que anda doentinho, com catarro nos peitos. Queria fazer uma canja pra ele, mas não dá tempo... Catarina fica achando os nomes familiares quando é então lembra das aulas de literatura e da peça de teatros da escola em que teve que estudar a década de 1800. — Tonha, você esta falando de Castro Alves? O poeta? — Você conhece o minino Castro? — Meu Deus, tonha! Não acredito que vou ter a oportunidade de conhecer O poeta. — poeta? — Catarina beija Tonha e sai correndo. Saindo pelos fundos e correndo até a saída do casarão, Catarina chama Calebe. — Moço! Espere por mim. Moço! — Calebe vê Catarina correndo segurando o vestido e mostrando suas pernas da Coxa até as unhas dos pés. — pare a carruagem!

— Senhorita! Aconteceu alguma coisa. — Quase sem folego, Catarina segura-se na carruagem. — Fiquei sabendo que o senhor vai para ao centro. Me leva? Antes de Calebe dizer algo, o Capitão do mato montado num cavalo aparece.



— Escrava, esta querendo fugir. Vou levá-la senhor. —
Não. Eu a chamei para ir comigo. — Mas senhor —
Sem mais. Volte e diga a meu pai que esta tudo bem.
De costas para o capitão, Catarina sorri vitoriosa.
Calebe estende a mão. E quando encosta em sua mão,
Catarina sente um arrepio por tudo o corpo.
Não era Natural escravos acompanharem seus
senhores dentro da carruagem,mas trata-se de
Calebe que mesmo vivendo em uma epoca em que a
escravidão era normal para a maioria para ele era
absurdo

***** capitulo 7*****

Durante a viagem Calebe tentava não olhar para
Catarina, pois se sentia intimidado com seu olhar
penetrante e ela tentava não dar respostas as suas
perguntas porque eram perguntas curiosas apesar de
poucas. Mas algumas perguntas ficou difícil fugir...

— Por que quis vir comigo senhorita? Você por acaso
conhece Castro?

— Li alguns de seus poemas.

— deverás, Castro é um poeta. Já não posso dizer muito sobre suas habilidades na advocacia. — Sim, o melhor de sua época! . Até hoje ele é lembrado em todo Bras... Catarina para de falar ao se dar conta que se empolgou nas informações. — Então, qual poema gostas?

— Navio negreiro.

— Curioso! Esse nunca li. Tem certeza que é de Castro? Lembrando que possivelmente Castro Alves ainda não tenha escrito, Catarina fica nervosa e treme a voz ao dizer — Tenho Certeza

— É muito peculiar, uma escrava se interessar por poemas, mas é ainda mais curioso você saber ler.

— Há, qual é? Só porque sou negra não posso saber ler ?

Calebe ficou vermelho com a expressão chateada e a resposta de Catarina.

— Desculpe senhorita. Não quis ofendê-la. Só não é...

— Já sei, não é normal. — fala Catarina de braços cruzados em expressão corporal na defensiva.

Sobre o poema Navio Negreiro: Castro Alves, autor do poema O navio negreiro. Foi escrito em São Paulo, datada de 18 de abril de 1868, quando o poeta tinha vinte e dois anos. O silêncio imperou durante o resto da viagem. A carruagem para em frente a uma casa de número 43 na rua do Sodré. Sobre a residência: O sobrado foi, provavelmente, construído no início do século XVIII pelo mestre-de-campo Jerônimo Sodré Pereira, que deu nome ao prédio e ao logradouro. Em 1871, morre aí o poeta Castro Alves, cujo pai havia adquirido o sobrado anos antes. O solar desenvolve-se em planta retangular, em torno de um saguão central, partido comum na época. Da mesma forma, o frontispício, cujo eixo de simetria é marcado pela portada, é característico da arquitetura deste período, com janelas rasgadas e balcão, no pavimento nobre. Neste nível e no térreo, as envazaduras são guarnecidas de pedra. Provavelmente, em meados do século passado, o edifício foi desmembrado, sendo acrescido no de n.º 43 um anexo neoclássico, nos fundos e alterando-se a distribuição espacial do térreo.

Calebe desce da carruagem e Catarina também faz movimento para descer, mas Calebe a intervém.

— Fique na carruagem senhorita. Farei a visita a Castro sozinho. Catarina volta a sentar achando que Calebe está chateado com as suas respostas. O escravo que conduzia a carruagem fica com ela e quando Calebe entra na casa e ela tenta sair, ele pede a Catarina para ficar escondida na carruagem. Ela está impaciente, pois está curiosa sobre o poeta.

— Por que devo fazer isso?

— Não reclama mucama. Os brancos que passar, pode não gostar de te ver dentro da Carruagem. Isso traz problema para patrãozinho. Entendendo a situação e a expressão temerosa do homem Catarina tentar ficar o mais invisível possível. Alguns minutos depois Calebe retorna.

— Mas já?

— Vamos. Castro não está.

— Como assim não está? Preciso conhecer ele antes dele morrer. — Catarina fala como que quase acusando Calebe

— Como? — Nada. — Porque estás a dizer tal maldade, senhorita? — Tudo mundo morre um dia né? Qual a gravidade de dizer isso? — Acho que estas enamoradas de Castro. — Deixa de falar merda.— Mesmo com o barulho da carruagem, o escravo consegue ouvir em alto som as palavras de Catarina ao seu senhor. — Não estou merda nenhuma! Só queria conhecer uma pessoa importante. — Não use palavras chulas. Não cabe bem a uma mulher! Visivelmente impressionado, mas não chateado, Calebe repreende Catarina.— Se não tivessem informado que Castro ainda não voltou da casa dos seus pais desde sua chegada do Recife diria que você já o conhece. Catarina levanta os ombros com desdem da fala de Calebe. E o retorno da viagem foi de silêncio constrangedor para falsos cochilos de ambos.

A noite

— Soube que levou a mucama para cidade. Agora, sim, parece ser mesmo meu filho. Fala Cristóvão,

acendendo seu charuto

— Não é nada disso que pensas meu pai Calebe abre um livro qualquer da prateleira no escritório do seu pai para desviar a conversa. Mas seu pai insiste.

— Ela é bem bonita. Não gostou? Então deixarei para os demais. Calebe fecha o livro com força.

— Meu pai! Por que trata as pessoas assim? Ela é uma jovem como sua filha.

— Nunca compare essas negras a sua irmã.

— Grita Cristóvão furioso.

— Meu pai, não quero brigar com o senhor. Sabe muito bem como mainha fica. Só peço que não faça mal a Catarina.

— Escrava, Calebe. Calebe respira fundo.

— Por favor meu pai! Somente a deixe em paz.

— Ou você a toma para si ou a darei para os escravos.

Ela parece forte e terá outros escravos fortes para mim. Calebe sai indignado enquanto seu pai gargalha vitorioso. Na senzala os homens respeitam Catarina e não a tocam, pois ela tem a proteção de Tonha e todos sabem que está destinada a servir o filho do patrão. Quando amanhece, todos os escravos já trabalham ao nascer do sol enquanto seus escravistas dormem. Depois da tarefa na cozinha, Tonha e Catarina vão servir o desjejum e Catarina fica de frente para Calebe escutando toda a conversa da família que varia entre ter mais escravos, missas e birras de Gabriela. Os pensamentos de Catarina variam entre:

"Miserável! Que vontade de te levar para 2023 e te deixar dentro da Lemos de Brito"(presidio da capital de Salvador)"Esfolam os negros e ainda vão rezar"" Que garota insuportável! Parece uma lagartixa mesmo"" E esse tal de Calebe até que é bonitinho! Hó lá em casa!"

Para cada pensamento Catarina não se dá conta que faz expressões faciais observadas por Calebe e quando os olhares se encontram ele lhe faz um sinal com a cabeça e sorriso de canto, ela retribui com sorrisinho malicioso. No fim da tarde, antes do sol começar a se pôr, Calebe vê a silhueta ao longe de uma mulher banhando-se na cachoeira. É Catarina. Ele não resiste e fica a observá-la. Quando lembra do sermão do padre sobre o rei Davi e Batseba já é tarde demais, Calebe viu demais de Catarina que apesar de não estar nua estava com vestes finas desenhando seu corpo. E apesar de não ser tão religioso, pois é contra o apoio que a igreja dá a escravidão, Calebe desvia o olhar em respeito a Catarina. Um mensageiro chega com uma mensagem de Castro Alves que chegou a Salvador e espera ver seu Tutor e amigo. Calebe decidiu naquele mesmo dia fazer visita a seu aluno. Dessa vez sem Catarina Saber.

***** Capítulo

9*****

Mesmo sabendo da sua frágil saúde, Castro Alves continua com a vida noturna ativa. Castro ainda é um jovem adolescente de 16 apaixonado por Eugenia. O Poeta dos Escravos, Antônio de Castro Alves (1847-1871) ou apenas Cecéu, conheceu a sua Dama Negra em 1863. Portanto, era um jovem poeta de 16 anos, enquanto a atriz já estava com os seus 26. Eugênia Câmara era, por essa época, não só uma experiente atriz, com os seus 14 anos de tablado, mas também uma experiente mulher. Muito diferente das outras mulheres que viveram e conviveram com o poeta, como Teresa e Idalina, tendo a última se relacionado com Castro Alves antes de ele viver maritalmente com a atriz. Eugênia Câmara era mãe de uma menina chamada Emília, filha provavelmente de Furtado Coelho, empresário e ator que vivera com Eugênia como se seu marido fosse. Mas isso não impediu que o jovem ambicioso e convencido desistisse dela.

– “eu sinto em mim o borbulhar do gênio” – com dotes e ares de D. Juan, sonhasse com aquela linda mulher, de olhos e cabelos negros, que brilhava em cima do palco do Teatro Santa Isabel... Em um bar, Calebe conforta seu pupilo que está de Luto e escuta sobre Eugenia. Calebe menciona Catarina na esperança que ele realmente não a conheça. Mas quando vê Castro falar sobre sua Musa, mesmo que Catarina estivesse apaixonada, ela não teria chances com Castro.

— Sobre a senhorita da qual lhe falei é escrava de meu pai. Ela fala de você como se já o conhecesse.

— Impossível Calebe! Não estava em Salvador

— Sei disso Ceceu. O que quero dizer é que ela é diferente. Ela me olha direto nos olhos, não tem medo de falar o que pensa...

— Será que não foi escrava em outro país, talvez França?



— Não. Ela teria ao menos sotaque de lá. Mas ela fala bem o português, apesar de usar palavras chulas e é muito bonita!

— Então devo conhecê-la.

— Ora, seu moleque! Não penses nela dessa forma. — Não pensei em nada que não tenhas pensado antes. Afinal, é tu que estás a falar incessantemente da moça. — Ambos sorriem. Apesar da diferença de idade Castro e Calebe se dão muito bem.

Na fazenda os abusos contra os escravos começa a incomodar Catarina que começa a sentir também a perseguição e investidas dos capatazes da fazenda, pois eles aguardam o momento em que Catarina será entregue para qualquer um. Tonha temendo que aconteça o mesmo que aconteceram as suas filhas lhe diz para ser amigável com Calebe e pedi-lhe proteção, pois ela vai esta em apuros caso ele não a queira, e como é de conhecimento de todos Calebe é diferente que seu pavoroso pai. Catarina percebe que é a hora dela sair daquela situação. Afinal de contas, ela não tem porque permanecer ali, mas ela teme por Tonha e seu filho, mas precisa convencê-los de que veio do futuro e levá-los juntos. Então começa a bolar um plano em que os três estejam juntos para a viagem no tempo.

- Tonha, quando o Antoi será enviado para o canavial?
- Quando o sinhô for comprar mais escravos.
- E Quando vai ser isso?
- há, menina! Acha que ele vai dizer os passos pra os escravos? Senta aí e corta essas batatas.
- Estou cansada de cortar batatas. Isso está pior que o call center!
- Quê?
- Esquece Tonha. Calebe entra na cozinha — Tonha? O Castro mandou dizer que virar comer sua feijoada, pois sente saudades e...
- Como assim você viu o Castro Alves e não me levou?— fala Catarina interrompendo e colocando bruscamente a batata na mesa e segurando a faca enquanto fala gesticulando. Causando surpresa para Tonha e Calebe— eu te disse que queria conhecê-lo. Esse é um dos motivos para esta aqui ainda.
- Senhorita Catarina, diga-me a verdade. Estas ou não apaixonada pelo jovem Ceceu?

— Não mude assunto, seu abilolado! Você está se fazendo de idiota porque não tem resposta pra o que fez. Diga logo que não me levou porque não me queria ao seu lado para não queimar seu filme.

— És uma jovem muito atrevida senhorita.

— Não se preocupe que essa jovem atrevida vai embora logo

— sugiro que não penses se quer em fugir. Isso meu pai não permite. Você poderia até morrer.

— Até parece que você se importa. Você e sua família vivi no conforto dessa casa comendo e bebendo, viajando para Europa as custas do suor do meu povo, que vivi em uma senzala em condições imundas, trabalhando de sol a sol e debaixo de chuva. As nossas crianças não podem nem mesmo tomar o leite das próprias mães porque seus filhos se sustentam com o leite de mulheres negras que mais tarde serão tratadas pelos mesmos, como se não fossem nada.

Catarina disparou a raiva e indignação que a tempo estavam presos em sua garganta ao ver como os negros eram tratados. " Uma coisa é aprender nas escolas e na tv e outra bem diferente e passar pela situação lado a lado com seus antepassados".

— Nossa! Você seria uma ótima advogada senhorita...

Olha, eu gostaria que as coisas fossem diferentes

.—Diz Calebe afastando a faca de perto de Catarina.—

Peço desculpas por tudo que vocês tem passado.—

fala Calebe direcionado para Tonha que esta com a cabeça baixa. Ela sentiu a raiva de Catarina e aprovou seu disparate, mas também não queria que ela falasse assim com Calebe, pois o considera demais e sabe que as palavras magoaram ele, pois ela foi sua mãe de leite.

— Bom, irei para meu quarto. Tonha diga a minha mãe que não descerei para o jantar.

.— Calebe saiu constrangido, pois as palavras de Catarina são verdades incontestáveis e ele mesmo sendo um abolicionista ainda usufrui de trabalho escravo,

pois sua educação foi paga com esse trabalho e ele se alimenta, viaja com o suor derramado de trabalho escravo.



Calebe fica no seu quarto em cima da cama pensando nas palavras de Catarina, Ela por sua vez fica descascando batatas e pensando em várias coisas ao mesmo tempo, inclusive em Calebe e decide então ir atrás dele para lhe pedir desculpas. Sobre os olhares atento de Tonha Catarina sem dizer uma palavra, ela põe a bacia com as batatas quase todas já cortadas e descascadas em cima da mesa, pega uma xícara e um buli, coloca-os na bandeja e sai da cozinha passando pela sala e subindo a escada para onde ficam outros aposentos do Casarão. Para não chamar atenção, ela equilibra a bandeja com uma mão e bate na porta do quarto de Calebe.

— Quem é?

— Sou eu, Catarina— Ela diz baixinho para não chamar a atenção

— Quem? — Pergunta Calebe meio surpreso. para o corredor verifica— Catarina, senhor Calebe — no tom mais alto e temeroso, Catarina responde, olhando ndo se alguém mais a ouviu. Calebe levanta da cama e fechando a camisa branca se arruma para abrir a porta.

— Entre. Catarina entra coloca a bandeja em cima do criado mudo

— Senhor Calebe quero te pedir desculpas pela forma como falei com você. Normalmente não sou assim. Fui bem criada pelos meus pais, mas confesso que saíu da linha quando o assunto é justiça. O senhor mesmo falou que eu seria uma boa advogada.

Acontece...

— Senhorita porque disse que vai embora? Dando as costas para Calebe, Catarina coloca o café na xícara

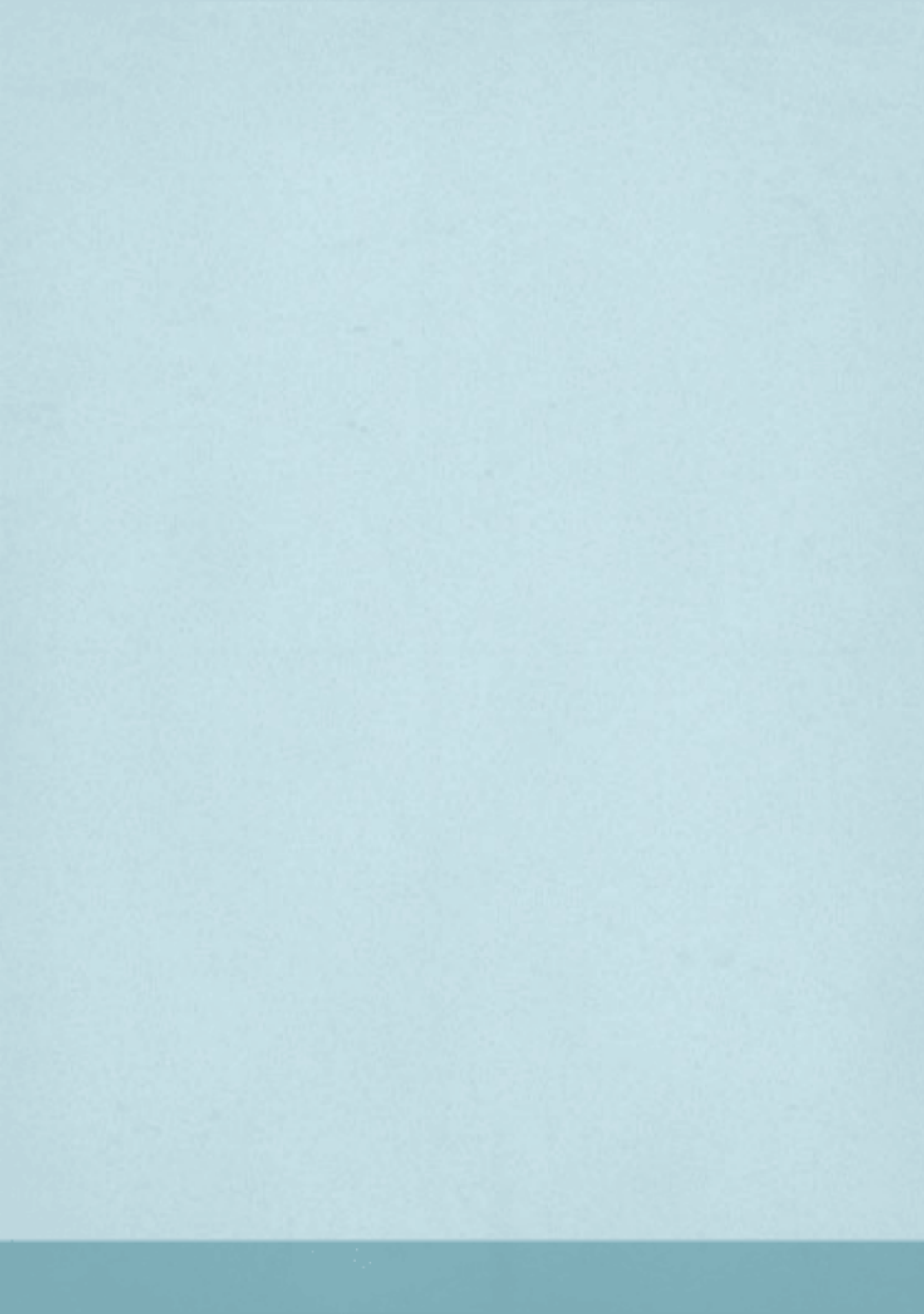
— Porque aqui não é meu lugar. Sou de um lugar muito distante. E, por incrível que pareça estou com saudades Ela dá a xícara de café a Calebe, que senta em uma cadeira de madeira envernizada.

— E quando pretende ir?

— O mais breve possível senhor.

— Hum! — Calebe toma um gole do café — Então desistiu de ver Castro?

— Não há mais tempo para conhecê-lo. Por que esta fazendo tantas perguntas?



— Sabia! Esse garoto é igual a mim. — Fala Cristóvão todo orgulhoso. — Escute escrava, sempre que meu filho chamar você deve ir logo fazer tudo que ele pede.

— Sim senhor.

— Agora vá sua imprestável. Catarina sai de cabeça baixa resmungado e fazendo caras e bocas.

***** capítulo 10

Na cozinha, Catarina puxa a barra do vestido para cima enquanto Tonha pergunta o que ela esta fazendo. Ela pega o celular.

— O que é isso mucama?

— isso é nossa passagem para um lugar melhor que esse aqui, Tonha! Tonha faz uma cara de incrédula. —

Onde esta Antonio?

— Esta catando os tomates para o almoço de amanhã dos patrões

— Vamos até ele Tonha precisamos sair desse lugar hoje!

— Deixa dessa conversa mucama!

— Ainda com essa odeia senhorita Catarina? Calebe surge e surpreende as duas.

— Sinhozinho! Por favor, não pense mal dessa veia. Não vou fugir. O sinhô pagou caro minha liberdade. Eu não faria isso com o sinhô.

— Então a senhora é alforriada? Por que não vai embora então? Dispara Catarina surpresa com a informação.— Tonha olhou para Calebe e seus olhos ficaram cheios de lágrimas.

— Pare senhorita. Não vê que esta deixando a Tonha triste com suas impertinências? — Calebe nota que Catarina segura algo nas mãos e quando nota que ele viu ela esconde atrás das costas... — O que é isso? — Nada. É só um brinquedo.

— Ou é nada, ou é um brinquedo. Acho que estás confusa. Decida se é brinqu...

— É um brinquedo, senhor Calebe.

— Bem, vou deixá-las. Boa noite Tonha! Senhorita? Com sua licença. — Catarina Coloca o aparelho dentro do espartilho e pega a mão da senhora — Venha Tonha! — Para onde?

— Para a horta. Em poucos estantes você verá que digo a verdade sobre o lugar de onde pertencço O capataz da fazenda questiona a saída delas da cozinha, mas Catarina diz que estão indo pegar verduras para a sopa da sinhazinha.

— E precisa ir duas para isso?

— Mas é claro! O senhor pode não saber, mas a sinhazinha come muito... Quer saber o senhor esta nos atrasando. Se o senhor Cristóvão descobrir, não vai gostar de saber o porquê a sopa da filha demorou tanto, né? — Com medo de que elas mencionassem o seu nome para o patrão, o capataz interrompe Catarina e as deixa ir.

***** capítulo 11

De volta para casa

Ao se aproximarem de Antônio, Tonha deixa cair seu colar com cordão de cinsal e uma madeira redonda com as iniciais A e C. Quando elas chegam perto de Antonio, ele está deitado a sombra e dormindo. Chutando seus pés, Tonha o acorda.

— Escravo dorminhoco, acorde, se te pegam assim vão te arrancar o couro mininu!

— Que isso mainha! — Escutem não temos muito tempo e talvez até seja tarde demais. Quero que segurem as mãos e não as soltem por nada. Vocês vão sentir um enjoo e podem até vomitar, mas é normal — O que Ocê tá falando escrava?

— Vamos mucama! Temos que chegar cedo para fazer a janta dos patrões.

— Gente, por favor! Só dessa vez vamos fazer como estou dizendo.

— hô Antoin! Faz o que essa minina pede pra terminar logo que preciso fazer a janta. Dá a mão a ela.

— Segura firme a mão dele, Tonha.— Catarina respira fundo, toca duas vezes na tela do celular que ascende.

— Diga o ano e te levarei para lá.

Isso causa um susto em Antonio e Tonha.— Não se assustem! É normal. Eu também me assustei na primeira vez. Segurem as mãos.

..— Catarina fecha os olhos, Tonha vê seu colar uns passos a frente e solta a mão de Antonio e Catarina diz: 30 de junho de 2023. E um clarão se espalha ao alcance de um metro deles. Vomitando e com a mão no estômago Antonio Olha assustado ao redor.

Catarina está parada com o semblante preocupado olhando para a estátua do Poeta.

— Mucama, que lugar é esse? — Eles estavam na praça Castro Alves. — Cade mainha?

— Eu não sei Antonio.

Antonio olhava para os carros, para os prédios altos e para as pessoas. O que mais o deixou intrigado foi que as roupas era muito poucas no corpo das pessoas, mas o que mais o deixou perplexo foi um casal de um homem negro andando de mãos dadas com uma mulher loira.

Catarina, ainda sem resposta sobre o porquê Tonha não veio junto, não responde logo aos questionamentos de Antonio.



— Vamos Antonio!

— Para onde Mucama?

— Para começar, aqui você não pode me chamar assim. Isso é preconceito hoje em dia. — Precon o quê? — Depois você vai aprender. Aqui você vai me chamar pelo meu nome. Não esquece isso esta ouvindo?

— Um! E para onde vamos?

— Para minha casa. Vamos ter que descer a ladeira da montanha e eu não tenho um centavo para pegamos o elevador... Escute bem. Vamos descer a ladeira da montanha, ela não é conhecida por ser local de família então caso te peçam alguma coisa o te chame não olhe para trás e se me ver correndo corra também. Vamos descer a ladeira e pegar o ônibus na praça da mãozinha. Como não temos dinheiro vamos entrar pelo fundo do ônibus. Logo você vai aprender como os pais de família que alimenta oito bocas fazem para não pagar passagem.

— Sem entender quase nada, Antonio só fazia concordar com a cabeça. A rua do comércio estava vazia, pois era domingo. Algumas pessoas nos carros e nas ruas olhavam para as vestes de Catarina e Antonio. Eles chegaram no ponto dos ônibus, mas como o ponto estava quase vazio e a aparência dos dois não era comum, os motoristas passavam direto, mas um ônibus da linha Paripe/lapa deixou passageiros no ponto e Catarina segurou a mão de Antonio e entraram pelo fundo. Em periperi pegaram uma topic com um conhecido de Catarina e chegaram no apartamento. Catarina chama a vizinha para pedir a chave. Ela sempre deixa uma chave com a vizinha Andreia que bebe além da conta, mas é de confiança. Ela olha para Antonio que tem 1,80 com cara de assustado e Catarina percebendo a situação diz que esta tudo bem. E que Antonio é um primo dela.

— Uhm. Qualquer coisa pode me chamar.

Catarina abre a porta dela, pede para Antonio esperar no sofá. Ela liga para Erica e pede para ela vir até a sua casa. Erica não entendi, pois ela acabou de sair da casa de Catarina. Ela pega um Uber. — Então Antonio vou te mostrar como usar o chuveiro

— mucama, onde ta mainha?

— Mucama não, Antonio! É Catarina ou Kiki se preferir chamar assim... Quanto a sua mãe ainda não sei o que aconteceu, mas vamos descobrir. Venha vou mostrar como usar o chuveiro. — Catarina leva Antonio até o banheiro que fica a olhar tudo e a mexe nos potes de cremes, hidratantes e destapar vaso sanitário, e fica a se olhar no espelho. Catarina pega uma calça jeans de seu ex namorado e uma camisa do Bahia que deixou na casa dela e da para Antonio. Enquanto isso, pega seu notebook e procura por evidências de visitantes do futuro no passado. Ela está preocupada com Tonha. Pouco depois Erica chega.

— Me conta o que aconteceu. Não funcionou?

— É claro que funcionou. Passei quase dois meses naquele inferno de lugar.

— Amiga! Não tem nem duas horas que sai da sua casa. Você trouxe alguma prova? Jornal, pedra, joia, ouro?

— Não.

— Hum! — fala Erica cruzando os braços.

— Ai Erica, você ainda duvida. Você foi comigo para 2013 e ta duvidando agora? Eu não trouxe jornal nem ouro, mas trouxe algo melhor... Antonio? Você pode chegar aqui? — É claro que funcionou. Passei quase dois meses naquele inferno de lugar.

— Ai Erica, você ainda duvida. Você foi comigo para 2013 e ta duvidando agora? Eu não trouxe jornal nem ouro, mas trouxe algo melhor... Antonio? Você pode chegar aqui? Antonio sai pelo correndo e Erica descruza os braços e o olha de cima a baixo. A calça que Catarina deu estava pescando, pois José mede 1,70, a camisa coube perfeitamente em seus braços com músculos torneados.

— Quem é esse?

— Sou Antoni mucama

— Ele me chamou de quê?

— Calma! Esqueceu que ele é do século XIX? Antonio já disse para não chamar nenhuma mulher assim?

— Discupa Catarina a outra. Catarina ri da inocência de Antonio. — Ela é Erica, chama ela assim.

— Você ficou maluca de trazer um escravo do século XIX para nossa época? Kiki isso vai nos dá problemas.

Antonio mexe nas coisas, inclusive derruba uma porta retrato na estante. Catarina coloca vídeos de gatos no notebook para entreter Antonio, que fica impressionado. — Senta aqui amiga. Era para mãe do Antonio vir, mas não sei o que ocorreu e a Tonha não veio. — Há quer dizer que tinha mais? Você virou o quê? Zumbi dos palmares a viajante do tempo resgatando os nossos antepassados da escravidão e colocando no seu minúsculo apartamento? — Calma amiga! Assim você me deixa nervosa também — Catarina começa a falar baixo.

— Eu já não sei se a mãe dele realmente ficou lá no passado ou foi parar em outro lugar. — Catarina coloca os cotovelos nas pernas e as mãos segurando o rosto em ar de desespero. — Bom, acho que ela provavelmente permaneceu lá... Ela estava mesmo junto de você? — Mainha soltou minha mão e correu. Catarina olha para Erica e o rosto mais aliviado de ambas.

— Você disse que ela soltou sua mão? Porque ela fez isso pedi tanto. Agora vou ter que voltar e resgatar ela de lá. — Calma aí Catarina! Você acabou de falar que o passado é horrível, como quer voltar para lá assim? e se der errado? Você sabe que se perder o aparelho você ficará lá para sempre. — Eu sei, mas não posso deixar ela lá. Eu prometi tirá-los de lá. Se visse como eles maltratam os negros. — Catarina fala com lagrimas nos olhos — Eu sei, provamos um pouco do passado todos os dias. — Antes de voltar preciso estabelecer Antonio. Ensinar coisas para que ninguém o ache estranho. Se não, será como trocar de fazenda escravocrata para outra.

***** Capítulo 12 *****